ID: 88
Data: 10.11.12
Expresso
Tiragem: 104 000
País: Portugal
Âmbito: nacional
Periodicidade: semanal
Página: 18 e 19
Cor: cores

E tu? Queres vir morar para cá?

Textos RICARDO MARQUES
Fotos JOSÉ VENTURA

Joana e Carlos sonham há anos com a sua aldeia. Sabem onde fica cada casa, cada esquina, cada largo, cada pedra. Conhecem toda a gente que lá vive, orgulham-se de ser uma terra sustentável e não se cansam de falar dos miúdos a quem todos os dias ensinam tudo sobre as árvores e os bichos e a natureza. Estão apaixonados pela aldeia. Esta semana, às quatro da tarde de terça-feira, sentaram-se a uma mesa redonda perto de uma janela para começarem a construí-la. É o primeiro passo é cultivar cogumelos, explicam ao vice-presidente da câmara de Idanha-a-Nova. "Cogumelos e plantas aromáticas e medicinais".

Há um odor que impercetível a mudança em Idanha. Castelo Branco. Não enche as ruas nem alivia a dor de quem vê a terra morrer um pouco todos os dias. Mas anda por lá. Joana e Carlos estiveram meia hora sentados numa pequena sala, em cadeiras escuras que afundam. Estavam nervosos e até desconfiados. No dia anterior tinham telefonado várias vezes para marcar uma reunião, sem sucesso. Não desistiram. "Estávamos em Felgueiras e como tínhamos de ir para Beja decidimos parar aqui". Chegaram e conseguiram. "Fomos recebidos pelo vice-presidente? A sério?"

A guerra contra a desertificação do interior é um assunto sério e pouco dado a protocolos. Nos últimos anos, a câmara lançou uma série de projetos para tentar inverter o que tem acontecido nas últimas décadas: menos gente e gente cada vez mais velha. Há poucos meses, em plena febre noticiosa sobre as novas vagas de emigração portuguesa, surgiu numa conversa o slogan que agrupa e resume tudo: "Em Idanha há lugar para ti. Não emigres, migra!".

"Há muita gente que quer apenas encontrar trabalho. Não é isso que temos e não é disso que precisamos. Queremos ideias, projetos que possamos apoiar e que permitam às pessoas fixar-se cá", diz o vice-presidente Armindo Jacinto, que puxa da caneta quando o casal de namorados que estuda Biologia em Beja lhe diz que o sonho inclui mais dois amigos. "Seriam quatro a residir cá? Isso é muito interessante". Os 520 hectares que a câmara destinou à incubadora de agricultura estão praticamente esgotados, entre atribuídos e prometidos. "Mas vamos ver se encontramos uma solução", promete-lhes.

Joana e Carlos, que descobriram o "Não emigres..." no site da autarquia, precisam de dois hectares. Armindo toma nota. Querem apostar em cogumelos e em plantas aromáticas e medicinais. Armindo toma nota. Querem desenvolver um projeto de educação ambiental. Armindo anota, puxa do telefone e chama a técnica responsável pela área da educação ambiental. "Continuem, continuem", diz-lhes. E eles prosseguem: casas, alojamento, metanol para produzir energia, sustentabilidade, mais casas, uma aldeia. O sonho não tem fim. Joana tem 25 anos, Carlos 24. Armindo fala-lhes da casa de palha e barro onde podem morar. Eles sorriem e olham um para o outro. Ao fim do dia, o sonho já não é só um sonho. Veem Idanha e o futuro pela janela.

Escola de soldados

Há pouca gente na rua ao anoitecer. O que, estatisticamente, é tão inevitável como a temperatura descer. O concelho de Idanha-a-Nova está a perder habitantes desde 1950, quando eram 36 mil. Em 2001, havia pouco mais de 11 mil. Em 2011, contas do INE, apenas 9716. Destes, cerca de 700 estudam na Escola Superior de Gestão o polo local do Politécnico de Castelo Branco. É daqui que saem as tropas para a guerra em curso. Ana Rita Garcia, 38 anos, é a responsável máxima da escola que fundiona num palacete de 1900. "Esta zona está à beira de um ataque de nervos, mas temos de reagir. E nesse clima económico, em que a solução passa cada vez mais pela criação do próprio emprego, parece-me mais fácil do que num grande centro", explica.

Lisboa está a mais de 250 quilómetros, mas a discussão do Orçamento do Estado chega aqui a propósito dos cortes no ensino superior. "Admito que é preciso racionalizar, repensar. Mas metade das instituições do ensino superior está em Lisboa, Porto e Coimbra. Trinta por cento das outras estão no litoral. E 10 por cento no interior. Se cortarem muito aqui o país vai tombar".

Às oito da noite, as ruas estão como as enormes pedras que desenham a vila: quietas, imóveis, mortas. Rita Fernandes, 29 anos, finalista de Gestão Hoteleira e ex-sargento do Exército, abre a porta de casa às amigas, também finalistas. Trazem uma panela de massa com atum e três pizzas para o jantar. Em princípio, dentro de um ano, talvez nenhuma delas esteja em Idanha. Rita, Cátia, Filomena e Sofia sentam-se à lareira a pensar no futuro. Querem ficar no interior, sim, mas não necessariamente aqui. Vão ter saudades, dizem, tantas como os elogios que já têm. "Em Idanha não se passa nada, mas acontece de tudo", brinca Sofia, a mais nova. E todas contribuem: festas, exposições, cinema no domingo, com filmes novos, por três euros, centro comercial a meia hora, calma, segurança, paz...

Mário Ramos, 32 anos, chefe de cozinha e ainda aluno da escola, já cá está e tem mais alguns ingredientes para acrescentar. "Isto é uma terra de oportunidades", garante. Trocou Lisboa por Idanha há 10 anos, na véspera de embarcar para Chicago, onde ia representar Portugal numa espécie de olimpíadas culinárias. "Não me arrependo nada. Essa ideia de que o interior é só velhos irrita-me. É preciso mudar a maneira de pensar. O mais importante é o que podemos fazer pela terra, pelo concelho, pelo interior. Precisamos de ideias e de vontade de ir atrás delas. Qualidade de vida? É o que mais temos aqui. Pago 60 euros de escola pelas duas filhas, já com refeições. A minha cunhada, lá em Lisboa, paga 400..."

Segredo no computador

A matemática da guerra contra a desertificação tem resultados surpreendentes. Uns negativos, como a introdução de portagens na A23 — um golpe duro para o turismo em Idanha, ao tornar mais cara a viagem. A alternativa passa por apostar no comboio até Castelo Branco. Outros positivos até na geometria. Quando se vê o triângulo formado por Lisboa, Porto e Madrid, Idanha surge precisamente a meio caminho entre as três cidades. E os seus aeroportos.

O mapa, as contas e as fotografias estão no computador do vice-presidente. Armindo Jacinto diz que não o consola o problema da desertificação ser antigo e atingir todo o interior português. Nem o facto de muitas das fórmulas usadas para o combater — desde os brasileiros de Vila de Rei aos subsídios à natalidade — terem poucos ou nenhuns resultados. A guerra de Idanha e das suas 17 freguesias é outra. Urgente. Há quem continue a partir e a emigrar.

Desde que foi lançado o "Não emigres..." todos os dias chegam entre 10 a 20 novos voluntários por telefone e e-mail. De professores universitários a desempregados, de projetos complexos a dramáticos pedidos de ajuda. Uma das propostas passava por criar uma reserva para os 250 touros e vacas selvagens de Segura, uma manada responsável pela morte de um agricultor e que esta semana começou a ser abatida pela Direção-Geral de Veterinária.

A estratégia de Idanha não contempla vítimas. Passa por reabilitar o mundo rural, a agricultura, o artesanato e a história aproveitando o Geopark Naturtejo da Meseta Meridional, que faz parte da rede da UNESCO. A unir tudo está o turismo, a água no deserto que dará origem ao resto. Os turistas compram e preferem produtos locais e tradicionais. Se compram, é preciso quem produza e quem venda. Havendo quem produza e quem venda, há trabalho como havia no passado. Havendo trabalho, há famílias como havia antes. Havendo famílias, há vida. E onde houver vida não se pensa só na morte.

rmarques@expresso.impresa.pt

GUIA PARA MIGRANTES

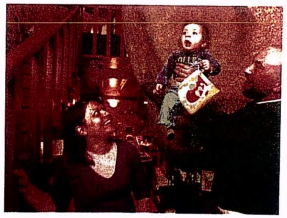
APOIOS MUNICIPAIS
As propostas enviadas para o e-mail migradanha@gmail.com, se aceites, podem contar com acompanhamento técnico e enquadramento nos programas comunitários de criação de empresas. A autarquia aposta também na cedência de locais e na monitorização das empresas na procura de canais de distribuição em Portugal e no estrangeiro. Há ainda ajuda na fixação de residência em zonas urbanas históricas e loteamentos a baixo preço e impostos mais baixos, como o IMI. O IRS cobrado, explica a autarquia, "é canalizado totalmente para apoio aos jovens (transportes, propinas, alimentação, livros) e outros estratos sociais desfavorecidos". Há também prestações de serviços baixas, isenção de contribuições e subsídios à maternidade.

O QUE TEM IDANHA
Quase tudo o que pode esperar numa vila de média dimensão. Mais tranquilidade e segurança. O ensino contempla todos os ciclos, do pré-escolar ao universitário. O centro de saúde funciona 24 horas e há um hospital de cuidados continuados, da Santa Casa da Misericórdia local. Finanças, tribunal, centro cultural, biblioteca, cinema aos domingos, complexo desportivo e courts de ténis. Vários restaurantes, um supermercado, praça e minimercados. E todas as semanas há eventos. Hoje e amanhã decorre o festival de vinhos e licores em São Miguel de Acha.

O QUE NÃO HÁ
O centro comercial mais próximo é em Castelo Branco, a cerca de meia hora de carro. Fora de horas, tirando cafés, é impossível encontrar seja o que for. A oferta em termos de comércio é limitada. O que, nalguns casos, inflaciona um pouco o preço de alguns produtos.

VEJA A FOTOGALERIA EM
www.expresso.sapo.pt/rostosnovosidanha

Joana e Carlos apresentaram o seu projeto na Câmara de Idanha, numa reunião na última terça-feira



O "senhor das ruínas" e o seu príncipe

João comprou a ruína em 2007. Hoje, deixa o balcão por momentos e senta-se à mesa, coberta de fotografias da aldeia mais famosa da Idanha. Tem uma camisola com o nome da Taverna Lusitana. Engenheiro civil, decidiu mudar de vida quando apertou a crise no setor da construção. Depois de várias férias, veio de vez de Lisboa para o cimo da aldeia de Monsanto, com a mulher, Helena, que trabalhava num hotel no Bombarral. A primeira vez que a trouxe divertiu-se a tirar fotografias a todas as placas de "Vende-se" que encontraram na aldeia. Depois o assunto tornou-se sério. Compraram a ruína da taberna e a ruína que estava atrás — a que hoje chamam casa. Há pouco tempo compraram mais uma ruína, para explorar. "Vim na altura exata. Acredito que é possível travar esta guerra, mas não é fácil." Gostava que houvesse mais cuidado por parte das pessoas, teme que a aldeia fique descaracterizada com os aluminios e as telhas modernas e que, com isso, os turistas deixem de vir. E eles são tudo. "Estamos a trabalhar com paixão para que o Afonso um dia possa escolher se quer ficar." O Afonso nasceu no Dia dos Namorados deste ano. Está sentado na sala, debaixo de um enorme pedregulho que entra pela casa dentro. É o monsantino mais novo. É uma preciosidade por estas bandas. "Quando é que sai o artigo?... Sábado? Huum, então compramos na segunda-feira. Todas as semanas vamos a Castelo Branco."

Os mais recentes empresários do concelho

Há poucos anos trabalhavam os dois, Diogo e Andreia, para uma multinacional em Lisboa. Ele como *account manager*, ela como responsável pela área de produto. Uma fusão ibérica na companhia empurrou-os para a porta de saída e pô-los a caminho de um sonho. Dele, que ela adotou rapidamente. As propriedades da família de Diogo em Monsanto serviram às mil maravilhas para a nova vida que começaram a fazer. Andaram por aqui mais de um ano como turistas, a ouvir os turistas, a perceber o que faltava e o que podiam fazer de novo. Este mês, tornaram-se os mais novos empresários do concelho de Idanha-a-Nova. Abriram no dia 1 uma loja em Monsanto, toda com produtos regionais. "A exceção é o vinho, que temos de todo o país, mas o resto dos produtos vem de um raio de 50 quilómetros: azeite, queijo, azeitonas, artesanato, licores, chás, enchidos", vai explicando Andreia, enquanto Diogo discute as encomendas de vinho com os fornecedores. Para o ano, contam abrir uma unidade de turismo e agricultura. Já têm passeios a cavalo na casa que recuperaram. Ainda assim, a vida corre devagar e sem arrependimentos. "A ideia foi abrir uma loja que tivesse tudo o que é local." A câmara apoiou o projeto, que se enquadra na estratégia de combate à desertificação, estimulando o turismo e promovendo a produção local, explicou ao Expresso Tiago Oliveira, um dos responsáveis pelo turismo da autarquia.